



JUVENTUDE, CORPO E CIBERESPAÇO: AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DAS GERAÇÕES X, Y E Z

Webert Soares Veras¹

Resumo: Este artigo propõe uma abordagem acerca de como a juventude, na atualidade, interage com as ferramentas de um novo mundo tecnológico, digitalizado e desterritorializado pela internet. O objetivo é apontar semelhanças e diferenças entre as gerações X, Y e Z, enfatizando suas significações corporais e as transformações ocorridas ao longo do tempo sob influência dos avanços tecnológicos. Além disso, o artigo apresenta um panorama das configurações de corpo e juventude ao longo de importantes períodos da história a começar pela Antiguidade Clássica, passando por Renascimento, Iluminismo, Revolução Industrial, as duas grandes guerras do século XX e culminando com as vivências do início do século XXI. O trabalho está dividido em duas partes: a primeira aborda historicamente as configurações corpóreas da juventude e a segunda parte apresenta uma análise das gerações X, Y e Z, chamando a atenção para o impacto na sociabilidade destas gerações em relação ao uso das tecnologias.

Palavras-Chave: Corpo, Juventude, Ciberespaço, Internet, Mídia

17

Abstract: This article proposes an approach on how youth, at present, interacts with the tools of a new technological world, digitized and deterritorialized by the Internet. The aim is to point out similarities and differences between the contemporary generations of youths X, Y and Z; their corporeal significations and the transformations that have occurred over time under the influence of technological advances. In addition, the article presents an overview of the configurations of body and youth throughout important periods of history beginning with Classical Antiquity, through Renaissance, Enlightenment, Industrial Revolution, the two great wars of the twentieth century and culminating in the experiences of the beginning of the 21st century. The work is divided into two parts: the first deals with the historical configurations of youth and the second part presents an analysis of the generations X, Y and Z, drawing attention to the impact on the sociability of these generations in relation to the use of technologies.

Keywords: Body, Youth, Cyberspace, Internet, Media

Considerações iniciais

O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre o corpo e juventude contemporânea abordando suas características e a relação do jovem com o *ciberespaço*. Os avanços tecnológicos, do século XX, em especial da internet a partir dos anos 1990, trouxeram uma nossa forma de construção cultural do corpo e das relações interpessoais

¹ Mestre em Humanidades, Culturas e Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da Universidade do Grande Rio.



dos jovens. A sociedade se viu diante de uma significativa abertura do novo meio de comunicação de massa, em especial as mídias digitais sociais.

Entre os estudos importantes sobre a temática apresentada destacam-se: Nestor Canclini (*A globalização imaginada; Leitores, Espectadores e Internautas; Diferentes, desiguais e desconectados*), Pierre Lévy (*As Tecnologias da Inteligência Cibercultura; O Futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*), entre outros autores. As abordagens sobre a construção da juventude, corpo e a questão geracional como categoria social e histórica apresentadas neste artigo, baseiam-se nas análises de Groppo (2000) e Abramo (2005), Bauman (2013) e Tucherman (2004).

Neste breve estudo, parte-se da afirmação de que o corpo biológico sofreu muito mais transformações ao longo do tempo do que as revoluções culturais apresentadas nos variados contextos históricos e, neste sentido, a sociedade, na atualidade, está diante de uma profunda transformação nos caminhos percorridos na formação do jovem assim como suas relações interpessoais e para com o mundo em que vive.

Do ponto de vista metodológico, este estudo alicerça-se em pesquisa bibliográfica sobre juventude, corpo, internet e ciberespaço, destacando os estudos que abordam direta ou indiretamente, as questões que envolvem a relação entre estes. O artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte, chamou-se a atenção para os estudos sobre juventude e corpo ao longo tempo desde a antiguidade clássica até o final da Segunda Guerra Mundial. No segundo momento, discute-se, especificamente, as diferenças entre as gerações *baby boomer*, X, Y e Z no que tange a influência das novas tecnologias no seu comportamento, hábitos de consumo e visão de corporeidade.

Juventude e a questão corpórea: breve histórico

Historicamente, ser jovem e as concepções sobre o corpo apresentaram inúmeras mudanças. Para além das concepções do campo da biologia, tanto a juventude quanto o corpo possuem construções subjetivas que, no bojo das ciências humanas sociais, inserem-se nos discursos e nas múltiplas construções sociais que envolvem ser jovem e a dimensão corpórea.

Ao situarmos juventude, enquanto categoria social, podemos afirmar que ela é detentora de representações simbólicas significativas geradas pelos grupos sociais ou, segundo Groppo (2000, p. 8), "significar uma série de comportamentos e atitudes a ela



atribuídos", operando no imaginário social, mas também é uma situação concreta real "vvida em comum por certos indivíduos. "

O jovem encontra-se sob efeito das mais variadas construções sociais, derivadas dos processos das relações interpessoais, de tempo, espaço e momento histórico em que se insere, assim como passa a ser portador de subjetividades, resultantes deste período particular próprio da construção do seu processo de formação identitário. Assim, ser jovem, a partir de uma construção dialética entre sociedade e juventude, de acordo com Groppo:

Conceber a condição juvenil como dialética significa reconhecer que há uma relação de contradição entre sociedade e juventude, demonstrando que as trajetórias de jovens oscilam no duplo movimento que envolve integração versus inadaptação, socialização versus criação de formas de ser e viver diferentes, papéis sociais versus identidades juvenis, institucionalização versus informalização, homogeneização versus heterogeneidade e heterogeneização, cultura versus subculturas etc. Pode-se, deste modo, interpretar que desde o início do «percurso» das juventudes na modernidade houve possibilidades e concretas ações de protagonismo juvenil, criação de identidades diferenciadas, resistências e subculturas (GROPPO, 2010, p. 26)

As inúmeras significações do termo juventude, assim como a banalização e uso destes conceitos, refletem cada vez mais a necessidade dos estudos à cerca da importância deste período de vida do ser humano. É como se o senso comum fosse levado à ideia do que é juventude baseado em sua própria vivência e experiência, desconsiderando as particularidades características de cada grupo social ou momento histórico. De acordo com Abramo (2005, p. 37):

Juventude é um desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano.

Neste sentido, é importante elaborar um panorama histórico-sociológico sobre a juventude e como a questão do corpo acompanhou, direta ou indiretamente, o processo de subjetividades em torno do que é ser jovem.

Na Grécia antiga e o surgimento da *Efebria* ou era de efebos², a concepção da palavra *Paideia* que significa "criação de meninos", foi um ponto inicial para esta categoria social. É necessário esclarecer que, neste contexto, somente detinham reconhecimento

² O Termo Efebo – Etimologicamente se refere aquele que chega a puberdade.



enquanto cidadãos os homens livres excluindo-se assim os escravos e as mulheres³. A elas, além da exclusão na idealização do corpo perfeito, cabia o papel de subserviência a seus pais e maridos assim como a função de procriação. As únicas exceções se faziam as *pitonisas*⁴, que atuavam como mediadoras do oráculo nos templos sagrados.

O jovem grego ocupava-se no intuito de construir um corpo dentro de um ideal de beleza que priorizava a forma atlética e seguindo princípios de proporcionalidade entre os seus seguimentos, trabalhado e desenvolvido a base de exercícios e meditação. Essa imagem corporal era significada como elemento de glorificação, de aproximação aos deuses e, também, de interesse da *Pólis*⁵, não somente uma exacerbação narcisista. Neste aspecto, para Barbosa (2009, p. 25):

O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante.

A exposição do corpo jovem, belo e de formas anatômicas bem marcadas aproximava, para a sociedade da antiguidade grega, a existência humana da divindade, conforme podemos observar na literatura, que conta com farto material, ou nas artes, cuja predominância dos corpos desnudos nas esculturas estão preservados em museus pelo mundo, assim como nos sítios arqueológicos descobertos na própria Grécia. De acordo com Tucherman (2004, p. 27),

O próprio ginásio era esta afirmação de que o corpo pertencia a uma unidade, a *Pólis*, onde ele podia, a partir de uma exibição pública e de constante treinamento, ser modelado de modo artístico. Por isto as figuras humanas do Parthenon são todas jovens, exibindo corpos perfeitos e nus, com expressões serenas, contrastando, por exemplo, com o Zeus de Olímpia, esculpido poucos anos antes, mais individualizado e

³ Não entraremos aqui nas discussões à cerca de da célula embrionária filosófica do machismo. Para a civilização grega, o ser humano era de um sexo único com diferenciação sendo feita pelo “grau” de aquecimento da matéria. A isso se faz referência a temperatura do sangue menstrual (frio e inerte) e do liquido seminal (quente). Um naquele que carrega a vida e o outro superior por gera-la.

⁴ De acordo com Nascimento (2010), as *pitonisas* serviam no templo do Deus Apolo e, em geral, eram mulheres a partir dos cinquenta e quatro anos de idade que abandonavam a vida pregressa para seguir, de certa forma, enclausurada, nestes templos. Estas tornavam-se oráculos, as transmissoras das mensagens de Apolo e, tais mensagens, eram decodificadas pelos sacerdotes. Portanto, “A pitonisa após ser coroada com louro e mascar essa folha, sentava-se no tripé. Ela envolta de fumo ascendente, balançando um ramo de louro fresco, tão logo, entrava em transe. Em seguida suas palavras eram interpretadas pelos sacerdotes. Os sacerdotes anotavam o que interpretavam, uma cópia era entregue ao consulente e outra era guardada nos arquivos dos templos. Geralmente os sacerdotes eram eruditos, como, por exemplo, Plutarco, cujo nome consta entre os sacerdotes de Apolo.” (Nascimento, 2010, p. 3)

⁵ *Pólis* é o termo grego utilizado para designar a cidade-estado, cujo surgimento foi um dos marcos para a civilização.



mostrando sinais da idade e do medo. Os deuses estão prontos; os homens estão se fazendo.

Em seguida, no contexto do império romano, apesar da forte influência da cultura e da civilização grega, a exibição da exuberância corporal deixou aos poucos de fazer parte das dimensões socioculturais. Os corpos foram cobertos e a realização da ginástica precursora do modelo de calistenia⁶ (muito difundido no século XX e XXI), não era praticado por ser considerado imoral o *nu* dos ginastas gregos. Se na Grécia a ostentação e manifestação do corpo eram demonstração de poder e status social, em Roma tais atributos tonificavam valores de força e sobrevivência como no simbolismo das lutas entre gladiadores.

Com a consolidação do cristianismo ao longo da Idade Média, as dimensões de corporeidade passaram da expressão de culto ao belo ou força para materialização da nascente do pecado e consequente repressão de sua exteriorização. O patamar de igualdade em importância entre corpo e intelecto foi rompido e, neste íterim, a alma assumiu papel de protagonismo ao passo que o corpo foi relegado ao lugar de instrumento e caminho de purificação espiritual, em especial através do sofrimento físico. Santo Agostinho, em o Livre Arbítrio, datado do início do século V, argumentou que: “Porque, manifestamente, nós possuímos um corpo e também uma alma que anima o corpo e é causa de seu desenvolvimento” (Agostinho, 1995, p. 92). Dessa forma o caminho a ser seguido seria o da interiorização. Da busca a elevação espiritual. A beleza do corpo passou a estar contida na alma ao passo que a alma reflete a beleza de Deus. O culto ao corpo aproximaria o homem do pecado pagão.

Ao longo da idade média a doutrina cristã se expandiu. A formação das monarquias nacionais entre os séculos XII e XV, em especial nos países da Europa ocidental, reforçou ainda mais o poder da Igreja. O período foi marcado pela repressão dos sentimentos e expressões. O corpo feminino, antes já relegado à um papel de importância secundário, no mundo medieval personificou a incitação à volúpia pecaminosa, justamente por sua origem da costela do primeiro homem criado a imagem e semelhança de Deus. Por esta razão, ao feminino foi atribuída a culpa pelo pecado original e, neste interim, responsabilizada pela tentação do desejo carnal do homem. As manifestações corporais e a atração entre homens e mulheres deram lugar ao amor cortês, que retratava uma visão bem distante do corpo e

⁶ Método ou conjunto de exercícios físicos, espécie de ginástica rítmica, sem uso de aparelhos, para dar beleza, força e vigor ao corpo.



suas relações e possibilidades. A expressão da efígie de Cristo sacrificado em prol da humanidade não deveria sucumbir aos prazeres mundanos. Os banhos, salto incomparável no que se refere à um novo patamar de hábitos de higiene, saúde e prevenção foram paulatinamente abandonados, pois o corpo foi coberto até nesse ato.

Um dos papéis interessantes da sociedade medieval foi o papel de disciplinar, doutrinar e aquietar o espírito do jovem direcionando a sua corporeidade por meio de exercícios úteis para aquele propósito. Uma dessas formas seria através do ato do casamento, “livrando-o” assim da fornicação libidinosa e do pecado do adultério. Desta feita, Tucherman (2004, p. 59) afirma:

Diferentemente do mundo romano, a juventude não era mais vista como um período de preparação para a vida adulta. Na Idade Média, eram critérios morais que delimitavam a definição do jovem. Nesse momento, a juventude passa a ser relacionada à liberdade e à violência e encerra-se com o casamento e a herança.

Esta forma de observar o corpo, advindo do medievo, permaneceria até meados do século XVII, quando o processo (ainda embrionário) de industrialização começou a ser delineado na Europa. A juventude, neste contexto, significava uma fase de transição entre a “infância” e o adulto. De acordo com Ruggieri Neto (2015, p. 12),

22

A juventude se constrói assim no âmbito de uma racionalidade na qual ela é um sujeito incompleto (alguém que ainda não é adulto), um processo (a própria transição) e uma situação necessariamente passageira. A partir dessa racionalidade as sociedades modernas desenvolveram em relação à juventude uma série de discursos, de práticas, de ideologias.

A partir da última década do século XVIII e o advento da Revolução industrial, notou-se um processo de disciplina e adestramento do corpo seja na escola, nas funções de proteção do Estado através das forças armadas ou na questão laboral nas fábricas. A medida que a juventude se tornou menos liberta e mais enquadrada no modelo normativo social, seus corpos dóceis e disciplinados (desde a idade média) seriam mais produtivos e obedientes e, portanto, servis a engrenagem capitalista cada vez mais expandida e enraizada na sociedade ocidental.

A configuração no mundo industrial era a de um corpo ausente. Enquanto saudável muda de presente para rijo, resistente, sem jamais ter tido para consigo a preocupação de haver sido vivenciado ou experimentado. Entretanto, só seria notado a partir de uma incapacidade momentânea que pudesse afetar o processo de produção. O corpo jovem se



transmuta para a extensão do maquinário fabril, assumindo o estado alienado de consciência facilitador de sua utilização como força trabalho bem como sua corporeidade. Nesse contexto surgiu conceito do corpo produtivo. De acordo com Silva (1996, p. 246), “O corpo não é mais aquele que se esforça ou não para ser feliz e realizado, o que é nobre ou vassalo, que se pune ou que se salva. O corpo do indivíduo é a concretização da força de trabalho, mercadoria fundamental nesta nova ordem [...]”

O século XX apontou em seu início a crise do corpo proveniente do final do período anterior e a questão das subjetividades e novas diretrizes para o que é ser jovem e a problemática do corpo. Os corpos ditos dóceis seriam objetivos a serem perseguidos a todo custo pela sociedade disciplinadora, característica de um modelo baseado no aumento de produção e acúmulo de riqueza. Desta feita, temos nesse momento dois indivíduos habitando o mesmo corpo: um representando a si próprio com suas características genótípicas, fenótípicas e nascido de sua construção identitária a partir das suas relações sociais e interpessoais. O outro representado pela solidão de sua identificação a partir de um número de matrícula, uma existência reduzida a identificação grotesca de um mero signo protocolar. Desta forma “as sociedades disciplinares nunca viram incompatibilidade entre os dois pólos, multidão e solidão pertencem ao mesmo momento.” (TUCHERMAN, 2004, p. 68) A sociedade posterior ao século XIX, portanto, tem suas relações baseadas no modo de produção capitalista inaugurado com a revolução industrial

A humanidade vivenciava no início do século XX um período de grandes transformações econômicas, urbanas e sociais, e, ao mesmo tempo, uma grande instabilidade que culminou na Primeira Guerra Mundial (1914-1917), ocorrendo predominantemente em solo europeu, redesenhando seu mapa e suas fronteiras, gerando novas estruturas culturais. Com o fim da primeira guerra mundial, a Europa sofreu a ascensão do fascismo italiano (na figura de Benito Mussolini), nos anos 1920, e do nazismo alemão (com a eleição de Adolf Hitler), em meados dos anos 1930. Estes eventos foram os artífices para que, em 1939, uma nova guerra mundial ocorresse em solo europeu. A Segunda Guerra Mundial, considerada o conflito bélico mais abrangente da história moderna da humanidade, teve o número de vítimas estimado entre cinquenta e setenta milhões de pessoas e apresentou ao mundo a tecnologia nuclear. Os corpos passaram a conhecer o que é ser cobaia de experimentos científicos, alguns destes de origem totalmente descabidas ou sem a menor lógica metodológica de pesquisa. Os recursos econômicos, industriais e humanos foram quase que em sua totalidade voltados para a



questão dos esforços de guerra. Os conflitos romperam as fronteiras da Europa tendo lugar em outros continentes como a Ásia.

Por ocasião do término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e fazendo parte dos esforços de paz, foi criada a Organização das Nações Unidas, sob forte influência americana. O mundo se dividiu, então, em dois grandes pactos militares. O bloco ocidental a partir da OTAN liderado pelos Estados Unidos e o Pacto de Varsóvia, sob a liderança da União Soviética.

Numa sociedade que passou por duas guerras mundiais e diversos regimes ditatoriais, a maior parte dos valores onde se assentavam o liberalismo haviam sido corrompidos. Além disso, o clima de Guerra Fria vedava à humanidade a possibilidade de perspectiva em relação ao futuro. Assim, apenas restava às sociedades ditas desenvolvidas o conforto material e as ilusões proporcionadas pela sociedade de consumo.

Desta feita, mesmo com os significativos avanços tecnológicos imperativos de períodos de conflitos de ordem global, em especial no campo da medicina, e que poderiam ser usados para solidificar o conceito disciplinador social anteriormente abordado tornaram-se marco do questionamento deste corpo reprimido, solitário, preso as normas que o controlam e o tornam prisioneiros de si mesmo e desses sistemas.

Os filhos da segunda guerra mundial expressam todo seu horror aos conflitos entre nações em uma forte onda de contracultura⁷ que assolou o mundo na década de 1960, tendo início em Amsterdã e o seu ápice expressivo no Festival de música de Woodstock. Sobre o termo contracultura, Schuster e Rado (2017, p. 21) assim definem:

Tudo que não está de acordo ou não se enquadra na lógica cultural de determinada sociedade está contra, daí o termo contracultura, nascida para protestar contra determinadas ações e *modus vivendi* da sociedade capitalista.

Os meios de comunicação de massa ao passarem também pelo avanço tecnológico tiveram impacto direto na disseminação das informações e acontecimentos no mundo capitalista. A televisão assumiu posição protagonista nessa área para muito além da representação de um simples entretenimento e passou a se constituir num enorme veículo

⁷ Aqui se faz necessário a inserção do conceito de cultura como assim nos mostra Schuster (2017) “que é tudo que é produzido e criado por uma sociedade pelo processo social e amparado pelo processo histórico, sejam relações de trabalho, hábitos, comportamentos, desenvolvimento científico, artístico e filosófico, língua e arte, todas essas manifestações de um grupo social são consideradas como cultura, portanto jamais existiu um povo sem raízes culturais. A forma como essas relações se estabelecem são dirigidas por regras comuns a todos, dentro de uma ética social e uma moral particular de cada grupo”. (Schuster, 2017, p.22)



de influência na opinião pública tanto no que se refere aos hábitos de consumo através da propaganda, da publicidade e demais instrumentos da indústria cultural assim como influência política e principalmente no que se tange a educação através das informações veiculadas que se faziam chegar as massas de telespectadores. Proporcionava-se ao espectador uma nova perspectiva de experiências, sentimentos e sensações. O “brinquedo do século XX tornava possível a apreensão de múltiplos sentidos e o aprisionamento do público a partir de encenações que destacavam o que o personagem era para a visão, para a audição, em múltiplas percepções sensoriais.” (BARBOSA, 2010, p.22)

Apesar de inventada em 1925, o veículo de comunicação televisivo avança efetivamente após a segunda guerra nos países desenvolvidos. Barbosa (2010) assim afirma com relação à televisão no Brasil:

Aqueles que só tinham, até então, ouvido falar de televisão (até porque o rádio era o meio de massa por excelência, através do qual o público buscava informação e entretenimento) tiveram as mais diferentes reações ao ver as imagens que agora saíam daquela caixa de madeira. Estupefatos, duvidavam que “seus ídolos tivessem aquela cara” ao vê-los nas imagens onduladas, pouco nítidas e imprecisas que a televisão nos seus primórdios oferecia. (BARBOSA, 2010, p.28)

25

Se deu, então, a apropriação dos valores desta contracultura pelo sistema normativo social representado pela indústria cultural na forma da estimulação ao consumo. A música, a moda, literatura, comida tudo se transformou potencialmente em produtos a serem comercializados. O espírito rebelde da juventude deveria ser domesticado, aplacado de maneira sutil através de valores morais, sociais e materiais.

AS GERAÇÕES X,Y E Z: O IMPACTO TECNOLÓGICO, O AFASTAMENTO SOCIAL E A DIMENSÃO CORPÓREA DA JUVENTUDE A PARTIR DE MEADOS DO SÉCULO XX

A geração X⁸, composta por aqueles nascidos entre 1964 e 1977, segundo Engelman (2009), entrou nesse momento em cena. Exposta à um novo mundo de aceleração tecnológica, transformações sociais e novas redesignações corporais. São filhos de pais separados, de mães que trabalham fora e desafiam o poder do patriarca

⁸ Indicamos aqui dentre as várias discussões metodológicas e conceituais do termo geração no campo das ciências sociais a utilização da definição que pressupõe que: “Geração é o lugar em que dois tempos diferentes – o do curso da vida, e o da experiência histórica – são sincronizados. O tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se criando desse modo uma geração social”(FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 191)



constituído. Tal condição rompeu com o arcabouço social do modelo de estrutura disciplinadora entranhada até então nos lares. Os mitos do casamento e da família uma caíram por terra. A liberdade sexual do final dos anos 1960, se vê ameaçada pela Aids, suas incertezas, ignorância e preconceito. As programações veiculadas nas emissoras de rádio ganharam mais penetração na camada do público jovem, uma vez que, antes da era dos tocadores de música e mídias digitais ou mesmo os reproduzidores de fitas K7 portáteis, era o maior veículo de divulgação da cultura musical jovem granjeando para si mais audiência e por consequência mais influência.

Várias mudanças ocorreram-na história europeia no pós-guerra. Primeiro veio a “geração do baby boom”, seguida por duas gerações denominadas X e Y; mais recentemente, anunciou-se a iminente chegada da geração Z. Todas essas mudanças geracionais foram eventos mais ou menos traumáticos, em cada caso, assinalaram uma quebra de continuidade e a necessidade de reajustes por vezes dolorosos, em função do choque entre as expectativas herdadas e aprendidas e as realidades imprevistas. (BAUMAN, 2013, p. 43)

As manifestações culturais evocaram o ceticismo dos jovens dessa geração. No Brasil, o despeito com as perspectivas futuras e os caminhos possíveis podem ser exemplificados em versos como as da música Geração Coca Cola⁹ de autoria do grupo Legião Urbana, que teve em seu líder, o cantor Renato Russo um expoente e porta voz de uma considerável parcela da juventude nacional daquele período.

26

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A., de nove às seis
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

Desta forma, as gerações seguintes (Y e Z), nascidas sob uma onda contínua e crescente de avanço tecnológico em todas as áreas do conhecimento científico tiveram acesso a uma possibilidade educacional e processos de informação mais amplos e globalizados, porém, sob um risco de ingerência ainda maior dos meios de comunicação em massa e da indústria de consumo capitalista. O avanço da internet promovia mudanças

⁹ Disponível em <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/45051/> acessado em 02/05/2018



comportamentais claras nesses indivíduos onde características incomuns, até então, como a falta de linearidade contínua de pensamento passaram a ser percebidas e exploradas.

Em relação à geração Y, Santana e Gazola (2010, p. 17) relatam que:

Pode-se destacar que a Geração Y se caracteriza por um perfil inovador com tendências à volatilidade de comportamentos e liderança baseada em confiança e resultados. Conhecer as características do perfil de consumo desses jovens deixa as empresas em vantagem competitiva, trazendo ganhos significativos, principalmente para produtos e serviços destinados a esse público-alvo.

Se os jovens da geração “Y”, nascidos entre 1978 e 1994 demonstravam uma ansiedade cada vez maior na busca por objetivos de qualquer que fosse a ordem, espelhando uma sociedade cada vez mais sob a influência da mídia televisiva e gerando uma massa de indivíduos treinados, adestrados e enraizados nas raias do consumismo como instrumento de preenchimento do vazio existencial e imediatista, os representantes da geração Z, nascidos a partir de 1995, se mostram bem mais adaptados às inovações tecnológicas se sentindo muito mais à vontade diante de situações inovadoras. Contudo, a geração Z se mostra uma geração silenciosa no que se refere ao trato das relações sociais e interpessoais e dificuldade na comunicação verbal, se isolando num mundo de fones de ouvidos, *tablets* ou aparelhos de telefone celular que são verdadeiros computadores portáteis e hoje fazem parte como extensão corporal destes indivíduos, “a corporalidade deve abrigar as tecnologias” (QUEVEDO, 2007, p.11). O *ciberespaço* e o mundo virtual ganharam forma e materializam as novas dimensões corporais que se propagam numa velocidade cada vez maior através de aplicativos que moldam hoje o comportamento destes jovens sendo que “as mais recentes tecnologias aguçam a necessidade de distribuir nosso corpo entre o prazer da descoberta e o trabalho em prol das marcas.” (CANCLINI, 2010, p. 58)

Os computadores, por exemplo, na condição de instrumento fundamental de ligação entre o sujeito e o mundo virtual, de acordo com Santos Neto e Franco (2011, p. 14), “rápidos e ágeis com os computadores têm dificuldades com as estruturas escolares tradicionais e, muitas vezes, com os relacionamentos interpessoais, uma vez que a comunicação verbal é dificultada pelas tecnologias presentes a todo o momento”.

Em relação à exposição do corpo, na atualidade observa-se o rompimento da barreira do presencial com a dimensão digitalizada das *selfies* seja em aplicativos como o Instagram no âmbito público ou os *nudes* enviados pelo *Whatsapp* no que se refere ao



“privado”. Para Domingues (2002, p.87) “trata-se de uma existência virtual, assentada em um “remapeamento” sensorial, onde o corpo sente a partir de próteses ou interfaces que permitem conexões que virtualizam a sua materialidade”. Desta forma a exibição de um estilo de vida e por consequência corporal é retratado por este jovem num imaginário muitas vezes irreal no *Facebook*. Tal forma de agir e comunicar gera uma enorme dificuldade de comunicação e interação entre os representantes das gerações “Y” e “Z”. Para Canclini (2010, p. 42),

O que queremos e o que fazem conosco encontram-se no nosso corpo. O corpo, dizia Maurice Merleau Ponty, “é meu ponto de vista sobre o mundo (Merleau Ponty, 1957, p.76). Também é o lugar em que os que fazem o mundo esperam ver representados os comportamentos promovidos ou exigidos por eles. A escola ensina posições corporais corretas para ler livros, a mídia como colocar-nos para sermos espectadores ou seduzirmos, o corpo parece inexistir quando se fala em conectar-se com as redes virtuais invisíveis. No entanto, os comportamentos corporais são o cenário onde a literatura, a música e a comunicação digital tornam-se enfim visíveis.

Entretanto, embora separados por séculos de história, tanto os corpos retratados na Grécia Antiga, como os apresentados pelas gerações Y e Z, representam na sua significação um padrão estético corporal que atende aos interesses ora do Estado, ora da sociedade em seus respectivos momentos históricos. Assim sendo, o que se constata na atualidade é a reprodução externa do ideal de corpo exibido midiaticamente, em especial pela televisão, que através do veiculado por seus conteúdos forma sua gama de potenciais consumidores. A maneira que o jovem lida com o corpo e com a sexualidade, tem muito a ver com as subjetividades e os dispositivos que os discursos midiáticos produzem. Daí se faz apresentado aquele modelo de jovem bem resolvido com a sexualidade.

Domingues apud Lévy (1998), aponta uma nova designação corporal pautada na construção do ciberespaço e sua característica rizomática de formação, onde a partir de uma construção aparentemente descentralizada essa nova forma corpórea, utilizando-se principalmente da desterritorialização da internet surge então a partir de uma inteligência coletiva.

No ciberespaço, fala-se de um “hiper corpo”(Lévy, 1996, p. 30), um “imenso corpo híbrido e mundializado” por conexões de nosso corpo pelas redes digitais. Corpo este que forma um “hipercortex”, como um cérebro global gerado pelas conexões de muitas mentes nas redes digitais. As redes conectam inteligências e são vasos comunicantes de comunidades vivas. Pela interatividade, pode-se agrupar indivíduos que mantêm suas forças conectadas ao que autor denomina de “inteligência coletiva”, ou seja, num processo cognitivo global, formando um cérebro coletivo. (DOMINGUES apud LÉVY, 1998, p.30)



É interessante como a mídia apresenta uma imagem da juventude na atualidade, que se mostra livre para falar abertamente de temas que em outros tempos representariam *tabus*, como sexualidade, transformação do corpo e homoafetividade. Toda essa temática vem travestida de um tom de “normalidade” facilmente percebido em sua conotação artificial. O poder que a disciplina e a religião exerceram noutros tempos, não encontram ecos de fato na juventude contemporânea, mas, isso é o que o discurso midiático nos mostra.

Os ambientes virtuais não alteram os limites do corpo. Estes não sofrem modificações em suas dimensões propriamente ditas, mas alteram sua capacidade de existência e percepção e ação nesses mesmos sítios de interação ao processar as informações as quais estão sujeitos e expostos.

O corpo sempre foi portador de cultura: posições e atitudes, vestuário e formas de pintalo, mesmo que viajássemos a outras paragens. Mas as tecnologias da comunicação aumentaram a portabilidade cultural. (CANCLINI, 2010, p.43)

29

Apesar do avanço tecnológico da internet e suas ferramentas de utilização representarem uma grande possibilidade de diminuição da desigualdade social principalmente pela desterritorialização, a forma como essas mesmas ferramentas são utilizadas podem agir de maneira exatamente oposta. Se levarmos em consideração os mecanismos de regulação e controle do que concerne privado vemos que todos os movimentos dados por qualquer internauta podem e são monitorado assim como é ainda maior o bombardeio de consumo nas comunidades ou grupos que pertencemos ou que não queremos pertencer.

Considerações finais

A evolução tecnológica apresenta cotidianamente possibilidades de experiências em vários campos. É possível observar ao longo dos últimos quarenta anos vários exemplos positivos destes aspectos tais como as cirurgias de alta precisão feitas por robôs controlados a distância, os programas e ambientes de realidade virtual e interatividade que



hoje propiciam novas sensações e movimentos a pacientes portadores de patologias limitantes de seus movimentos ou a ruptura das barreiras da comunicação entre as pessoas.

Por outro lado, a perda da privacidade, a superficialidade nas relações interpessoais em especial dos jovens, que se fecham e retraem cada vez mais em um mundo digital e as vezes irreal, revelam a necessidade de uma busca pela melhor forma de interagir e utilizar a internet, o ciberespaço e as tecnologias. A perda das experiências corporais da geração Z é notória, conforme discutido na segunda parte deste artigo. O vídeo *game* e o telefone celular tomaram o lugar das vivências psicomotoras tendo as crianças, na atualidade, hoje perdido o apreço pelas brincadeiras e jogos tradicionais que envolvem o desenvolvimento das valências corporais como lateralidade, força, agilidade e toda a construção cultural do corpo que não geraria, em teoria limitadores de ações físicas futuras que comprometam a corporeidade.

Aplicativos que quando criados tinham claramente a ideia de aproximar as pessoas e alavancar a construção das relações sociais como o *Tinder*, perderam, aos poucos, sua essência e quase servem a objetivo único bem diferente deste. Até mesmo o crescente e espantoso mundo da pedofilia digital nos coloca contra a parede no que concerne a segurança das crianças e jovens. Apesar de existir um grande monitoramento da navegação no ciberespaço como um todo é de certo afirmar ser impossível extinguir com esse tipo de ameaça.

Cabe à sociedade definir de maneira responsável, respeitando os direitos individuais, os limites entre o público e o privado e até onde estas fronteiras podem ser exercidas pelos usuários do *ciberespaço*. É evidente que não se pretende aqui cercear a liberdade e ou delimitar as potencialidades da tecnologia, mas é importante criar normas e condutas com o objetivo de compreender algumas questões, como por exemplo: até que ponto o uso exacerbado na tecnologia interfere nas relações interpessoais dos indivíduos; quais são os limites de usos e “opiniões” expostos nos ambientes virtuais; de que forma a juventude contemporânea se insere no mundo virtual e quais são os riscos e dimensões positivas; até que ponto o avanço tecnológico influencia na construção de novas percepções sobre o corpo e a relação com a juventude. E, por fim, seria interessante refletir, a partir da notória exposição dos corpos nos espaços virtuais, como as relações interpessoais estão se reconfigurando (cotidianamente) a partir do surgimento da internet.



Referências

- ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, 1997.
- AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995
- BARBOSA, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. Psicologia & Sociedade, 23(1) 2011
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre juventude e Educação**. São Paulo. Zahar. 2012
- _____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- DOMINGUES, Diana. Cibermundos: o corpo e o ciberespaço. Corpo mídia. São Paulo: Arte & Ciência, 2003
- FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Revista Sociedade e Estado, vol.25, nº 2, maio/agosto 2010
- FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade, em: Ditos e Escritos V. **Ética, Sexualidade, Política**. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2010. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa.
- QUEVEDO, Luis Alberto. Portabilidad y cuerpo: las nuevas practicas culturales em la sociedade del conocimiento., in Seminario sobre desarrollo económico, desarrollo social y comunicaciones móviles em América Latina. Buenos Aires: UOC. 2007
- GARCIA CANCLINI, Néstor. **Leitores espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008
- GROPPO, Luiz Antônio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- KELNER, Douglas, A cultura da mídia e o Trinfo do espetáculo; Líbero- Ano VI - Vol 6 - no. 11, 2004
- NASCIMENTO, Dulcileide Virginio do. Entre Deusas, Pitonisas e Feiticeiras: quando as faces da magia e da religião antigas se revestem de mitos. In: Anais do I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo & IX Fórum de Debates em História Antiga. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. (disponível: <http://www.neauerj.com/Anais/coloquio/dulcileide.pdf>)
- RUGGIERI NETO, Mário Thiago. Juventude como dispositivo das sociedades modernas. Revista Aurora, UNESP, v. 8 n. 2 (2015): Pensamento Social e Políticas Públicas. p. 1-25. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/4075>.
- SANTANA, Peri da Silva e GAZOLA, Janice Natera Gonçalves. Gestão, Comportamento da Geração Y. In. 8º Seminários em Administração, 2010. Anais Eletrônicos... SEMEAD set. 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/995.pdf>>.
- SANTOS NETO, Elydio dos e FRANCO, Edgar Silveira. Os Professores e os Desafios Pedagógicos Diante das Novas Gerações: Considerações Sobre o Presente e o Futuro. Revista de Educação do CogEimE, ano 19, n.36, jan.-jun.2010.
- SILVA, Ana Márcia. Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 3, n. 17, Campinas, Maio 1996
- SHUSTER, Ana Noredi ; RADO, Sonia Cristina. Contracultura no Brasil da ditadura in Revista Maiêutica, Indaial, v. 5, n. 01, p. 19-30, 2017.
- TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Veja. 2004.